

O 11 DE SETEMBRO NO ENCADEAMENTO DAS DISCUSSÕES GEOPOLÍTICAS: assim começou o século XXI

ULHÔA, Leonardo Moreira¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o atentado terrorista ocorrido nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 – do ponto de vista da geopolítica – que teve como alvo as duas torres gêmeas do *World Trade Center* e parte do Pentágono. O propósito é analisar os novos fatores de rivalidades de poder sobre o território. Nesse sentido, propõe-se discutir sobre o entendimento de outros campos de luta que configuram as relações de poder no espaço mundial.

Palavras-chave: Geopolítica e terrorismo

INTRODUÇÃO

No ano de 1904, o jurista sueco Rudolf Kjellén empregou pela primeira vez a expressão geopolítica, presente na obra intitulada “As grandes potências”. Sua preocupação relacionava-se com o poderio mundial, e caracterizava a geopolítica como *a ciência que estuda o Estado como um organismo geográfico* (CLAVAL apud VESENTINI, 2000, p. 15). Kjellén foi um geógrafo fortemente influenciado pela obra de Friederich Ratzel, e muito ligado aos meios intelectuais alemães.

O termo “conflito geopolítico” correspondeu durante o período histórico da Guerra Fria às tensões desencadeadas na Europa e no mundo entre as ideologias dos dois pólos militares: Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Esta nomenclatura logo se expandiu, e começou a ser usada em vários países do mundo, carregada de acepções diferentes, chegando, inclusive, a ser proscrita em um determinado momento da história em alguns países europeus. Ainda hoje, o conceito de geopolítica é utilizado sem muita precaução nos meios de comunicação e até mesmo nos meios universitários.

Pode-se compreender uma situação geopolítica *à un moment donné d’une évolution historique, par des rivalités de pouvoirs des plus ou moins grande envergure, et par des rapports entre des forces qui se trouvent sur différentes parties du territoire en question* (LACOSTE, 1993, p. 03)². Atualmente, o significado atribuído à geopolítica é resultado de novas características políticas e culturais de nosso tempo: liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Observa-se a importante função da mídia nas discussões geopolíticas, à medida que esta exerce influência sobre as opiniões públicas, modificando os pontos de vista de dirigentes políticos.

Em relação ao atentado terrorista ocorrido nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, que teve como alvo as duas torres gêmeas do *World Trade Center* e parte do Pentágono, símbolos da hegemonia econômica e militar norte-americana, os meios de comunicação, novamente, trouxe à tona as discussões acerca da geopolítica. Ouvia-se

¹Professor da Escola de Educação Básica e Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia-MG.

²Em um determinado momento de uma evolução histórica, pelas rivalidades de poderes de mais ou menos grande envergadura, e por relações entre forças que se encontram em diferentes partes do território em questão.

freqüentemente os dizeres de “atos de guerra” e de uma América “sob ataque”. Tornava-se perceptível que a pressão pública, instigada pela mídia, forçava o governo norte-americano a tomar atitudes drásticas caso ficasse comprovado a origem daqueles atentados.

Hoje, mais que nunca, a mídia expõe todos os acontecimentos instantaneamente. Por vezes, as matérias jornalísticas incitam a população de modo a se organizarem e pressionarem o governo para a execução de ações enérgicas. Na era da informação, mediante as questões geopolíticas, todos os cidadãos, independente de suas tendências, debatem e opinam sobre os problemas que envolvem o território.

Diante disso, este texto tem por objetivo desenvolver reflexões sobre o atentado terrorista ocorrido nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, fato de tal magnitude, cujas repercussões far-se-ão sentir ao longo de vários anos. O propósito é mostrar que novos fatores estão desencadeando outros tipos de rivalidades de poder sobre o território. Ademais,

[...] aujourd’hui, on parle de géopolitique à propos de la multiplication – ne serait-ce qu’en Europe ou dans des contrées voisines – de problèmes aussi divers que l’apparition de nouveaux États, le tracé de leurs frontières, leurs conflits territoriaux, l’expansion de certaines idéologies politiques et religieuses comme l’islamisme, ou les revendications de peuples qui veulent être indépendents; mais on parle aussi de géopolitique, et plus en plus depuis quelques années, à propos des problèmes politique au sein d’un même État, des revendications régionalistes, de la géographie des résultats électoraux, du découpage ou du regroupement de circonscriptions administratives ou des questions d’aménagement du territoire. (LACOSTE, 1993, p. 07).³

Nesse sentido, precisa-se do entendimento destes novos campos de luta que configuram as relações de poder no espaço mundial. Assim, algumas questões mereceram destaque nesta abordagem: a partir do “11 de setembro”, pode-se falar de guerra somente em seu sentido convencional? Existe agora uma guerra das redes terroristas? As migrações tornaram-se questões geopolíticas? O terrorismo é um artefato contra a globalização?

Nas análises desses questionamentos foram utilizados e focalizados os artigos/noticiários da imprensa escrita, revistas e jornais como a Folha de São Paulo e o apoio no referencial teórico de geógrafos, sociólogos e historiadores. Almeja-se assim, que estas reflexões contribuam nas discussões deste marco do início do século XXI.

NOVAS ESTRATÉGIAS DE LUTA NO ÂMBITO DAS GUERRAS

Um dos grandes acontecimentos do século XX foi, sem dúvida, o fim da bipolaridade do mundo. Trata-se de um importante fato em relação às questões políticas ideológicas que envolve o militarismo nos/dos estados nacionais levando o mundo a paz

³ Atualmente, fala-se da geopolítica com relação à multiplicação – isso não seria somente na Europa ou nas regiões vizinhas – de problemas tão diversos quanto a aparição de novos Estados, o traçado de suas fronteiras, seus conflitos territoriais, a expansão de certas ideologias políticas e religiosas como o islamismo, ou as reivindicações de povos que querem ser independentes; mas se fala também da geopolítica e cada vez mais desde alguns anos, com relação aos problemas políticos no seio de um mesmo Estado, das reivindicações regionalistas, da geografia dos resultados eleitorais, do recorte ou do reagrupamento de circunscrições territoriais administrativas ou das questões de organização do território.

pela coação e os conflitos entre povos e territórios que pouco podiam expressar negativa aos estados pólos mundiais. Enfim, constatou-se o quanto os países imperialistas haviam avançado em relação ao poder bélico. Na Guerra do Golfo, por exemplo, iniciou-se um novo tipo de combate, com a utilização de satélites, computadores e mísseis de alta precisão disparados do mar ou da terra. Segundo FIORI (2001, p. 02), essa foi

[...] a primeira demonstração da nova maneira americana de fazer guerra. Quarenta e dois dias de ataques aéreos permitiram uma vitória terrestre em menos de cem horas, com menos de 150 mortes entre as “forças aliadas” que bombardearam o Iraque e mais de 150 mil mortos iraquianos. Na guerra não declarada de Kosovo, em 1999, foi possível testar e comprovar, pela segunda vez este poder. Depois de assistir aos 80 dias de bombardeio aéreo ininterrupto do território de Kosovo e da Iugoslávia, sem nenhuma perda humana entre os “aliados” e com a quase total destruição da economia adversária, os governantes e os generais de todo o mundo tiveram a certeza que havia nascido, na década de 1990, uma “nova guerra”, uma espécie de “guerra tecnocrática”, que dispensa a necessidade de soldados cidadãos ou patrióticos.

De fato, a possibilidade de fazer guerras à distância e sem perdas humanas por parte do país que ataca é uma inovação nos combates dos últimos anos.

Existe, hoje, uma nova preocupação quanto às formas de ataque sobre o território. O atentado de 11 de setembro ocorrido nos Estados Unidos serviu para demonstrar que, atualmente, a segurança de qualquer país é muito vulnerável e é possível promover uma carnificina humana sem necessariamente possuir muito dinheiro. No contexto histórico da modernidade, qualquer pessoa que possua um relativo conhecimento de química e tenha interesses em cometer uma barbárie como aquela do 11 de setembro, pode encontrar seus subsídios por meio de lojas especializadas de produtos químicos, combinar outras substâncias e, posteriormente, detoná-la em um alvo. Isso poderá implicar uma tragédia sem que envolva muitos recursos, por isso, foi a partir deste momento, que os países se viram na obrigação de rever seus sistemas de segurança.

Três anos consecutivos a este atentado, ainda há dúvida sobre sua autoria. De tudo, existe uma constatação, de que sua articulação e execução foram perfeitas. Cumpre-se lembrar de que, quando uma superpotência se vê em situação de crise, é necessário encontrar, imediatamente, um culpado para tal situação. Assim, quando eclode uma guerra, são os gastos do governo que certamente aumentam. Neste sentido, nada tira um país tão rapidamente da desaceleração, como um desastre nacional desta magnitude. Ora, a economia de guerra é rentável; talvez, por este fato, os Estados Unidos tiveram que encontrar rapidamente um responsável para o atentado e fazer sua economia revigorar. Mas, contra-atacar com base em informações inadequadas, não procede. No entanto, os Estados Unidos assim o fizeram, e a culpa foi atribuída a Osama bin Laden e ao povo afegão.

Indubitavelmente, o terrorismo é uma das maiores ameaças à segurança internacional. Afinal, pode-se estar ao lado de um terrorista sem conseguir identificá-lo. Diferentemente, um confronto em que dois exércitos se combatem frente a frente, o inimigo torna-se vulnerável, pois é uma guerra na qual consegue-se enxergar o rosto do adversário. Na realidade, os atentados suicidas evidenciaram que não existe invulnerabilidade no que se refere à ameaças internacionais. Aqueles que quiserem provocar enormes estragos

seguido de milhares de mortos, conseguirão fazê-los sem mísseis e armas nucleares. É, pois, legítima a interrogação: como iremos nos “proteger” daqueles que estão dispostos a morrer por seus objetivos? Ou ainda: como iremos nos “proteger” de governantes como Bush que alcançam seus objetivos a qualquer custo? Estas são perguntas para as quais ainda não se encontrou resposta, e apareceu como uma grande questão para o futuro.

Não se pretende afirmar que o terrorismo e as novas estratégias de guerra irão substituir os equipamentos utilizados em uma ação militar, bem como os tradicionais modelos de reconhecimento de um território. É bem evidente que os Estados Unidos antes de iniciar o ataque ao Afeganistão, preocuparam-se em conhecer o território do adversário. É preciso notar, no entanto, que

[...] pour montrer la répartition de ces diverses forces, y compris dans des espaces relativement restreints, il faut des cartes claires et suggestives, et notamment des cartes historiques, qui permettent de comprendre l'évolution de la situation (LACOSTE, 1993, p. 0 3).⁴

Em qualquer estratégia geopolítica, quando representamos o território do inimigo, pode-se atuar de maneira mais eficaz. Por isso, a Carta⁵ é, sem dúvida, “a rainha das batalhas geográficas”; é um meio de domínio do espaço, sobre a qual são colocadas todas as informações necessárias para a elaboração de táticas e estratégias.

As características físicas do Afeganistão e a história de resistência deste povo, mesmo antes da Guerra começar já indicava que os Estados Unidos não teriam qualquer chance de vencer esta batalha utilizando as operações de uma guerra convencional, caso perdurasse muito tempo naquele país. O relevo montanhoso e árido abriga aqueles que o conhecem e castiga o estrangeiro. O clima é marcado por invernos extremamente frios e verões muito quentes. A ocupação poderia durar até certo tempo, como fez a União Soviética, entretanto, pagar-se-ia um alto preço, como ocorreu com o Exército Vermelho, tendo como consequência, cinquenta mil mortos e um número incontável de feridos. O povo afegão orgulha-se de jamais ter aceito passivamente a dominação de qualquer invasor ao longo de sua história, que, na verdade, já conheceu outras glórias.

Nessa visão, não foi por acaso que os Estados Unidos foram cautelosos quanto ao plano militar de ocupação do território afegão. Uma ação ao estilo soviético representaria um ato muito arriscado. Assim, a solução encontrada implicou a utilização de uma estratégia que envolveu o poderio aéreo, reduzindo o uso de forças terrestres.

A Guerra do Vietnã também permitiu ensinar aos norte-americanos que uma ofensiva terrestre encadeada por invasão de tropas ou de mísseis, não implica necessariamente o fim de um conflito. A derrota nesta guerra, inclusive, não foi aceita pelo povo norte-americano. E, isso os levaram, recentemente, a fazer um filme intitulado “Fomos Heróis”, demonstrando que a história muitas vezes é contada por quem se diz vencedor. Neste contexto, é importante ressaltar que, tratando-se de uma guerra tradicional, as batalhas podem restringir-se por um tempo e em um território, diferentemente daquela que se mostrou no 11 de setembro, na qual o inimigo não revelou sua face. Mas, como acontece em qualquer uma destas, a vitória momentânea não significa uma vitória definitiva, apenas circunstancial e temporária.

⁴ Para mostrar a distribuição dessas diversas forças, aí compreendidas no espaço, é preciso cartas claras e sugestivas, e notadamente cartas históricas, que permitem compreender a evolução da situação.

⁵ Carta se refere a Cartas cartográficas.

Por isso, existe a preocupação de os Estados Unidos colocarem em prática seu sistema de defesa antimísseis. Afinal, a onda de insegurança gerada pelos atentados suicidas levou a acreditar que outros ataques poderiam vir acontecer de diferentes formas. Todavia, para Michael Kreile (2001, p. 05), diretor da Universidade Humboldt, em Berlim, “o escudo antimísseis talvez nunca consiga realizar a tarefa para qual foi imaginado: destruir mísseis provenientes do exterior”. Realmente, terroristas não vêm do espaço. Este projeto tem sido reprovado por vários países do mundo, por temerem que se inicie uma nova corrida armamentista.

O 11 de setembro evidenciou que não existe invulnerabilidade, tratando-se de ameaças internacionais. Um ataque como esse será possível enquanto aviões civis continuarem circulando pelo espaço aéreo, os trens de passageiros estiverem em movimento, os sistemas de energia e a infra-estrutura funcionarem. Cada recurso desses pode ser subvertido, explorado ou desviado de modo a prejudicar seus usuários e a sociedade em geral. Diante disso, o que fazer para proteger a população? A única certeza é a não existência de nenhum sistema nacional de defesa eficientemente segura e abrangente. A alta tecnologia não é mais necessária para produzir resultados devastadores. As especulações, agora, giram em torno de armas atômicas clandestinas e a utilização de agentes biológicos, recursos esses que dispensam grandes investimentos financeiros.

MIGRAÇÃO E FORMAÇÃO DAS REDES TERRORISTAS

A migração tem se tornado um problema geopolítico; independentemente de sua causa, ela gera conflitos. Afirma ENZENSBERGER (1993, p. 91) que

o interesse próprio e xenofobia são constantes antropológicas, mais antigas do que todas sociedades conhecidas. Para evitar banhos de sangue e possibilitar ainda um mínimo intercâmbio entre diferentes clãs, tribos e grupos étnicos, as sociedades do passado inventaram o ritual de hospitalidade. Mas tais providências não revogam o status do estrangeiro. Muito pelo contrário, elas o fixam. O hóspede é sagrado, mas não deve ficar.

É evidente que nenhuma nação apresenta uma população étnica absolutamente homogênea. Em decorrência disso, os principais grupos nacionais criam situações de resistência e intolerância a cada nova onda de imigrantes que ocupam determinadas porções de um território, fazendo agravar as questões geopolíticas.

Tanto a emigração quanto a imigração, referem-se ao processo de migração. A diferença consiste que, no primeiro processo estamos considerando o território de saída de um indivíduo, no segundo, o território de chegada. Para LACOSTE (1993, p. 564),

[...] les raisons classiques de l'emigration, du point de vue économique et démographique, sont liées aux représentations négatives des conditions de vie du pays de départ (famine, misère, chômage, persécutions politiques ou religieuses....), mais surtout aux représentations positives des pays de destination: l'idée qu'ailleurs les conditions de vie seront meilleures, même

*si ces conditions sont jugées très mauvaises par les habitants du pays ou de la région d'accueil.*⁶

Certamente, ninguém emigra sem a promessa de algo melhor. A própria imagem da mídia global é responsável pela difusão da deslumbrante idéia de terras prometidas, divulgando histórias mágicas e criando expectativas em milhares de pessoas em busca do El Dorado.

Os conflitos inevitáveis desencadeados por meio do processo de migração em grande escala intensificam-se ainda mais, quando existe desemprego crônico nos países de destino. Neste contexto, o preconceito ao estrangeiro torna-se uma profecia. A discriminação, especialmente nos Estados Unidos, induziu cada vez mais grupos na população a insistir em sua “identidade”, causando segregações e formação de guetos.

Na Europa, durante muito tempo, houve mais preocupação com as conseqüências da emigração do que com a imigração. Este debate provém do século XVIII, quando o conceito de população associava-se à riqueza advinda do mercantilismo. Naquela época, muitos países puniram severamente as pessoas que ousaram sair de seu país. Luís XIV, por exemplo, mandava vigiar atentamente suas fronteiras a fim de manter dentro delas seus súditos.

Atualmente, uma das vias pelas quais se dá a expansão do terrorismo pelo mundo são as migrações e isso ocasiona uma verdadeira ameaça à segurança internacional. Afinal, qualquer grupo relativamente bem estruturado pode cometer um atentado grave. Assim,

*des rivalités de pouvoirs, officiels ou officieux, se développent aussi à l'intérieur de nombreux États dont les peuples, plus ou moins minoritaires, revendiquent soit leur autonomie, soit l'indépendance. Se posent également les problèmes de l'IMMIGRATION qui sont devenus géopolitiques dans de nombreux pays (LACOSTE, 1993, p. 03).*⁷

Com o fim do “mundo socialista” em conseqüência da Guerra Fria, a vitória norteamericana foi estabelecendo uma nova ordem mundial, articulada a partir do poder global. Segundo BERGER apud FIORI (2001, p. 02),

[...] a América controla, hoje, o acesso às redes de informação, comércio e segurança, e com isto, tem influência sobre as escolhas das nações. Muitos acontecimentos mundiais recentes ocorreram por causa do uso deste poder pelos Estados Unidos, e não por causa de alguma necessidade preestabelecida e imposta pela globalização.

⁶ As razões clássicas da emigração, do ponto de vista econômico e demográfico, estão ligadas às imagens negativas das condições de vida do país de partida (fome, miséria, desemprego, perseguições política ou religiosas...), mas sobretudo às imagens positivas do país de destino: a idéia que em outro lugar as condições de vida serão melhores, mesmo se essas condições são consideradas ruins pelos habitantes do país ou da região de acolhida.

⁷As rivalidades de poderes, oficiais ou oficiosas, se desenvolvem também no interior de numerosos Estados cujos povos, mais ou menos minoritários, reivindicam seja sua autonomia, seja a independência. Colocam-se igualmente os problemas da IMIGRAÇÃO, que tornaram-se geopolíticos em diversos países.

As mudanças militares, financeiras e tecnológicas deram aos Estados Unidos uma enorme capacidade de comando sobre o resto do mundo. Esta superioridade, inclusive, permitiu-lhes construir uma rede de bases militares por toda a superfície terrestre.

Em um primeiro momento, pode-se dizer que dois fatores possivelmente contribuíram para que os Estados Unidos fossem vítimas fáceis dos atentados terroristas. O primeiro foi a possibilidade de entrada e saída de países democráticos após o fim da Guerra Fria, desencadeado pelo processo da migração. Conseqüentemente, isso deu margem para que o terrorismo pudesse organizar minuciosamente ataques dentro de um determinado território.

Entretanto, alguns especialistas acreditam que não existe uma rede de terrorismo internacional. Para eles, há diversos pequenos grupos espalhados pelo mundo, embora compartilhando informações entre si. Dentre estes, podemos destacar o ETA (Pátria Basca e Liberdade), fundado em 1959, com objetivo de lutar pela transformação do país Basco, que ocupa áreas da Espanha e da França. No ano de 1980, foram responsáveis pelo assassinato de mais de 180 pessoas com seus atentados. Recentemente, foram acusados da explosão bomba ocorrida na rede ferroviária de Madri, causando aproximadamente duzentas mortes. Um acontecimento que recolocou as questões de 11 de setembro na pauta geopolítica.

Outro seria o IRA (Exército Republicano Irlandês), uma organização terrorista católica da Irlanda do Norte, que teve início nos anos de 1960. Como a maioria da população desse país é formada por protestantes, querem que a região continue ligada ao Reino Unido, porém os nacionalistas católicos querem a reunificação com a República da Irlanda, um país de maioria católica.

Há ainda o HAMAS (Movimento de Resistência Islâmica), um grupo extremista contrário à existência do Estado de Israel e que freqüentemente realiza ataques terroristas suicidas contra judeus.

Além desses, outros três grupos merecem enfoque: Supremacia Branca, Al Qaeda e Jihad islâmico. A Supremacia branca é uma organização racista de extrema direita que atua nos Estados Unidos em defesa da “Supremacia Branca”. A Al Qaeda, é representada pelos seguidores de Osama bin Laden. Neste caso, é pertinente registrar que bin Laden, a exemplo de Saddam Hussein, também foi aliado dos Estados Unidos no passado. É bem verdade que nos anos de 1980, os guerrilheiros do Afeganistão receberam apoio daquele país no combate às tropas da União Soviética. Por fim, tem-se o Jihad islâmico, formado por jovens palestinos no Egito em 1980. É uma organização de caráter religioso que busca expulsar palestinos e impedir negociações de paz entre a OLP e Israel.

Com o aumento de imigrantes nos países chamados de Primeiro Mundo, a discriminação racial tornou-se fato evidente. Não é difícil constatar que o racismo sempre esteve presente no cotidiano da sociedade norte-americana. Se antes os negros eram as vítimas históricas, hoje, afeta hispânicos e muçulmanos, contribuindo para a ocorrência de segregações nessa sociedade. Essas discussões estiveram em pauta no mês de setembro de 2001, pouco antes do atentado terrorista aos Estados Unidos, em Durban, na África do Sul, durante uma conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial e a Xenofobia.

Entretanto, os Estados Unidos, logo antes desta reunião, já haviam se posicionado contrários a essas discussões, alegando que seria um assunto cujo interesse caberia somente a eles. Na verdade, o temor era que estes debates implicassem uma onda de ações jurídicas

por reparações dentro do território americano. Com vistas nisso, acabaram abandonando a Conferência de Durban, com pretexto de discordar da análise das discussões.

O pior ainda estava por vir, pois a Conferência mal havia chegado ao seu fim e sucedeu o ataque terrorista contra o *World Trade Center* e o Pentágono, fazendo desencadear uma onda de ódio racial contra os muçulmanos. Sem dúvida, o tratamento diferenciado é considerado ilegal na sociedade norte-americana, todavia, as evidências não deixam mentir que há um nível de hostilidade racial que paira sob a superfície da vida cotidiana deste país, mesmo que a idéia de pátria perfeita tente ser disseminada pelo mundo.

Indubitavelmente, o discurso maniqueísta do governo norte-americano, evidenciado nas palavras do presidente George W. Bush de promover uma “batalha monumental do bem contra o mal”, abriu caminho para um clima de insegurança, assim como de violência. Essa declaração chegou a dar espaço a manifestações xenofóbicas dentro dos Estados Unidos, tornando-se visível, por meio da imprensa, que os cidadãos estrangeiros, que ali viviam, já evitavam sair às ruas. E isso foi visto também em diversas regiões do mundo. Até mesmo em Paris, onde a popularidade norte-americana é baixa, a Embaixada dos Estados Unidos pediu que os cidadãos deste país evitassem falar inglês nas ruas.

Segundo CASTELLS (2001, p. 08)

estamos diante de uma guerra definida em termos mais precisos: é a guerra das redes fundamentalistas islâmicas terroristas contra as instituições políticas e econômicas dos países ricos e poderosos, em particular os Estados Unidos, mas também da Europa ocidental – países estreitamente vinculados em sua economia, sua forma de democracia e em sua aliança militar.

Aliás, o autor constata que, devido à situação de inferioridade militar e tecnológica, essas redes procuram impor seus objetivos utilizando o terrorismo, que vai desde o atentado inicial até matanças raciais. Haveria, então, alguma maneira de destruir essas redes? Entende-se ser esta a mais difícil das guerras. Primeiro, em cada ameaça de desarticulação destas redes, novos elementos são criados para contra-atacar, como por exemplo, armas químicas e bacteriológicas. Por conseguinte, pode-se dizer que por trás destas, existe um grande fanatismo, o qual pode ser fruto de um desespero social em que milhões de pessoas estão inseridas, um desespero de miséria tão profunda que, matar ou morrer, perderam seus significados.

A própria organização econômica, social e as instituições políticas norte-americanas geraram os fenômenos que hoje eles combatem. Caso seja bin Laden o autor dos ataques terroristas em 11 de setembro de 2001, ele foi treinado e financiado pela CIA para combater os russos no Afeganistão.

Possivelmente, uma das únicas soluções em longo prazo para se promover uma profunda reforma na sociedade, seria por meio da superação da exclusão social e do respeito às diferenças.

TERRORISMO: UMA ARMA CONTRA A GLOBALIZAÇÃO?

A tragédia, que ocupou as atenções do mundo na manhã do dia 11 de setembro de 2001, coloca em termos alguns dos problemas de ordem internacional. Grosso modo, nota-

se que, o processo de globalização contribuiu para os ataques terroristas que vêm ocorrendo em algumas partes do mundo. O fácil acesso à informação e a facilidade de se locomover, indo de um país para outro, viabilizou a atividade terrorista global.

Pode-se dizer que a globalização econômica disseminou em todo o mundo o modelo ocidental, cuja base principal são os Estados Unidos. Portanto, os meios utilizados para manter esta hegemonia são questionados, e visto por muitos, como um país líder do terrorismo. Comenta Hobsbawn (2001, p. 10) que,

o ataque aos Estados Unidos é político. Os terroristas sabem que não podem nem pensar em vencer uma guerra contra os Estados Unidos. Mas podem desestabilizar a situação nos países muçulmanos afinados com o Ocidente cujos governos não têm apoio das massas. Os alvos reais são todos os governos destes Estados nominalmente muçulmanos que são apoiados pelos americanos e apoiam os americanos.

No desencadeamento da guerra ao terrorismo, os Estados Unidos querem, provavelmente, manter seus interesses como prerrogativa máxima. No entanto, o caso dos aviões civis, transformados em bombas voadoras pilotados por suicidas fanáticos, acabou com o sonho do governo republicano de um país fechado em si política e militarmente.

Não há dúvida de que as corporações americanas são o centro do capitalismo mundial, os quais impõem seus valores e interesses para todo o mundo. Os ativistas antiglobalização, isto é, aqueles que combatem o capitalismo dentro do próprio capitalismo, já ganharam adeptos por todos os continentes. Atacam lanchonetes do *Mc Donald's*, lojas da GAP e tantos outros símbolos que julgavam ser bases do poderio econômico americano que se encontra em todas as partes do planeta. Contraditoriamente, o ataque aos símbolos máximos do poderio econômico e militar do capitalismo provocou uma aceitação pacífica por parte da população a este regime. Afinal, num momento em que o presidente George W. Bush proferia a todo o mundo seus dizeres de comoção à morte de inúmeros civis, quem iria ouvir discursos contra o imperialismo?

É lastimável o enorme número de vítimas inocentes que morreram, mas não o ataque ao *World Trade Center* e ao Pentágono, uma vez que a própria política externa americana criou as condições para que isso acontecesse. A política militarista do governo norte-americano impõem uma visão de mundo que é absorvida pela cultura, por exemplo, por meio dos filmes de *Hollywood* e dos parques de diversões como de *World Disney*. Redefinem estilos de vida com suas lanchonetes e vestuários padronizados. Instalam o modelo econômico por meio do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Quando isso não é suficiente, usam a força que têm como potência, para garantir seus interesses imperialistas. Tudo isso vai gerando situações de desigualdades e tensões insuportáveis, que acabam eclodindo de forma violenta, como visto no 11 de setembro. Sabidamente, a globalização econômica levaria o mundo, mais cedo ou mais tarde, a uma catástrofe, uma tensão insuportável.

Era previsível que atentados como esse acontecessem a qualquer instante. Afinal, não há nenhuma proteção espacial que nos isente desta barbárie que contaminou o planeta. Nada mais ilustrativo que o comentário do alemão Robert Kurz (2001), citado por GALISI, sobre este acontecimento: “essa é a face real da globalização, milhares de cadáveres nos escombros do coração do capitalismo em *Wall Street*. É o momento de compaixão pelas milhares de vidas que a barbárie exhibe em seu altar”. Não obstante, emerge que as

contradições que envolvem esta forma de organização política e econômica chegaram a tal limite, que poderão erodir o poder deste império.

O colapso do comunismo e o fim da Guerra Fria fizeram dos Estados Unidos a única superpotência. Com isso, em um mundo onde o domínio é exercido apenas por um único pólo de poder econômico e militar, uma minoria usufrui de prazeres e bem-estar, enquanto grande parte da população mundial é marcada pela miséria e exclusão social. Agora, porém, espera-se que o comportamento político dos Estados Unidos, antes pouco sensível às distorções internacionais agravadas pela liberalização geral dos mercados, reflita sua postura diante do cenário mundial.

Um ano após os ataques terroristas em Nova York, Washington e na Pensilvânia, a embaixadora dos Estados Unidos no Brasil, Donna J. HrinaK, escreveu um artigo para a Folha de São Paulo, intitulado “Recordando”. Nas palavras da embaixadora,

os Estados Unidos reconhecem que a eliminação da pobreza e o apoio ao desenvolvimento sustentável são estratégias de longo prazo na campanha contra o terrorismo. Os Estados Unidos são o país líder em desenvolvimento sustentável, e a Meta de Desenvolvimento do Milênio, criada pelo presidente Bush, almeja reduzir pela metade a pobreza no mundo até 2015.

Mas, se são essas as estratégias dos Estados Unidos, tão preocupados com o desenvolvimento sustentável, com o combate à fome e à miséria, o que justificaria sua omissão quanto a não assinatura do tratado do Plano Kyoto? Isso não seria uma forma de continuarem a explorar os países subdesenvolvidos e também de garantir o direito de poluir o meio ambiente, dentro e fora de seu país?

ASCHER (2002, p. 12) comenta,

o traço comum a todas as abordagens que buscaram compreender os atentados foi a concentração quase que exclusiva dos Estados Unidos: sua política internacional, seus interesses, unilateralismo, arrogância, imperialismo, crimes históricos, seu racismo e truculência, Hiroshima, Vietnã, o massacre dos índios, a escravidão, Hollywood, hambúrgueres, Madona e Michel Jackson.

Os vários agentes ativos dos Estados Unidos atuam num mundo passivo. No entanto, se não fosse o acontecimento desses atentados, dificilmente estas questões estariam sendo discutidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo, após o atentado de 11 de setembro, continua o mesmo em sua essência. Três anos passados o maior ato terrorista da história, o capitalismo funciona ininterruptamente. A única certeza é que seu maior símbolo veio por terra abaixo, isto é, destruíram o monumento representativo do neoliberalismo. Porém, os meios de produção não foram alterados e a maioria da população mundial não foi atingida pelos trágicos acontecimentos.

Nossas análises em fontes de informação e reflexões, indicam que os alvos visados pelos terroristas nos Estados Unidos não foram as torres gêmeas nem o Pentágono. O atentado foi cometido contra um sistema social e econômico. Um sistema em que os ricos vivem sem ser incomodados e os menos favorecidos tentam atingir de formas reais a prosperidade com o fruto de seu trabalho.

No decorrer deste artigo procurou-se em maior ou menor grau, mostrar que os Estados Unidos possivelmente foram vítimas de uma vingança de pobres e oprimidos, atingidos ao longo do tempo por suas políticas militares e econômicas. Mesmo sem saber ao certo quem foi o autor deste atentado, verificamos a perda do controle da segurança norte-americana, mesmo com a sofisticada tecnologia. Caso fique comprovada a autoria do atentado por Osama bin Laden, ele é, senão, um produto dos serviços americanos.

Este fato desencadeou uma série de novos acontecimentos. O mais notável deles, é que os Estados Unidos estão numa cruzada contra o terrorismo e iniciaram a guerra contra o Iraque. Sabe-se que por detrás da ocupação deste território esconde-se outros interesses do governo e das empresas norte-americanas: manter o domínio dos poços de petróleo daquele país. Promover ações de paz por meio da queda do ditador Sadam Husseim não implica necessariamente no revigoramento das condições de vida da população iraquiana. Afinal, a proposição geopolítica caminha para a deposição de um ditador e a permanência de outro.

Além disso, os direitos civis assistiram a um retrocesso como nunca antes verificado, e isso com o aval do congresso e da população. Indubitavelmente, a América do Norte tornou-se mais isolada e menos democrática. Os atentados afetaram profundamente a percepção que os Estados Unidos tinham de si mesmos e do seu papel no mundo.

Contudo, o mundo descobriu a vulnerabilidade em que estamos expostos e a barbárie que somos. As ações geopolíticas dos Estados Unidos e da Inglaterra/Reino Unido usadas como forma de manutenção do capitalismo, deve ser revista. O estado a serviço desse sistema político-econômico está levando-nos a uma realidade caótica, por isso precisamos refletir sobre a humanidade, com o intuito de vivermos em um mundo melhor. Quanto aos terroristas, não precisamos esperá-los no portão. Eles já estão entre nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITH, Márcio. EUA restringem liberdades civis. *Folha de São Paulo*, Washington, 16 set. 2001. Guerra na América, p. 4.
- ARBEX JÚNIOR, José. Vitória americana seria improvável. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 set. 2001. Guerra na América, p. 5.
- ASCHER, Nelson. Mundo árabe está em guerra com EUA. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 set. 2002. Mundo, p. 12.
- BARBOSA, Rubens. Ataque odioso. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2001. Tendências/Debates, p. 03.
- BONALUME NETO, Ricardo. Terroristas suicidas se globalizam, e ação, antes restrita ao Oriente Médio, passa a alcançar maior número de países, surpreendendo EUA. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 set. 2001. Guerra na América, p. 07.
- CASTELLS, Manuel. Guerra das redes. *Folha de São Paulo*, Nova York, 21 set. 2001. Guerra na América, p. 8.

CHOMSKY, Noam. 11 de setembro. Tradução de Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 151p.

CONY, Carlos Heitor. A terceira guerra. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2001. Opinião, p. 02.

_____. O terror não mudou de grau, mudou de gênero. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 set. 2001. Ilustrada, p. 12.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. O vagão humano. Revista Veja, São Paulo, 1993. Reflexões para o futuro, p. 91-107.

ESCÓSSIA, Fernando da. Discriminação racial é “calcanhar de Aquiles”. *Folha de São Paulo*, Rio de Janeiro, 16 set. 2001. Guerra na América, p. 16.

FIORI, José Luís. Império e pauperização. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 2001. 10 Focos de Tensão, p. 2-3.

FISK, Robert. O terrorista suicida veio para ficar. *Folha de São Paulo*, Nova York, 14 set. 2001. Tradução de Clara Allain. Guerra na América, p. 19.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. Manual para Normalização de Publicações Técnico – Científicas. 4. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 213p.

GALISI, José. Intelectuais reagem com perplexidade. *Folha de São Paulo*, Alemanha, 12 set. 2001. Guerra na América, p. 26.

GOIS, Antônio. Anistia teme xenofobia generalizada após ataques. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 2001. Guerra na América, p. 4.

HRINAH, Donna. Um ano depois – Recordando. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 set. 2002. Opinião, p. 3.

HOBBSAWM, Eric. A globalização foi usada como arma. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 set. 2001. Guerra na América, p. 10. Entrevista concedida a Fábio Zanini.

KENSKI, Rafael. A arte da Guerra. Superinteressante, São Paulo, v. 15, n. 5, p. 59-66, maio 2001.

LACOSTE, Yves (direction). *Dictionnaire de géopolitique*. Paris: Flammarion, 1993.p. 1-35.

_____. *Dictionnaire de géopolitique*. Paris: Flammarion, 1993. p. 563-564.

MORAES, Márcio Senne de. Qualquer pessoa mal-intencionada pode fazer ataque, diz especialista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2001. Guerra na América, p. 23.

_____. Terrorismo-catástrofe é a nova ameaça. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 2001. Guerra na América, p. 5.

PERES, Marcos Flaminio. Furtado vê “nova Guerra Fria”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 set. 2001. Guerra na América, p. 18.

PFUFF, William. Três lições para os Estados Unidos. *Folha de São Paulo*, Nova York, 14 set. 2001. Tradução de Paulo Migliacci. Guerra na América, p. 18.

REVISTA VEJA. O império vulnerável. São Paulo: v. 34, n. 37, set. 2001.

ROSSI, Clóvis. Estamos em guerra, mas não sabemos quem é o inimigo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 set. 2001. Guerra na América, p. 07.

_____. A força da potência pode ser sua fraqueza. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 2001. 10 Focos de Tensão, p. 3.

SAFIRE, William. O novo dia de infâmia. *Folha de São Paulo*, Nova York, 13 set. 2001. Tradução de Paulo Migliaccio. Guerra na América, p. 19.

Tragédia deve facilitar aprovação de escudo antimísseis. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 set. 2001. Guerra na América, p. 5.

VESENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2000. 125 p.